



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LETICIA OSCAR RIBAS**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-575

**Entrevistada:** Letícia Oscar Ribas

**Nascimento:** 20/11/1992

**Local da entrevista:** ESEF-UFRGS Porto Alegre

**Entrevistador:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Data da entrevista:** 04/07/2015

**Transcrição:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Copidesque:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Pesquisa:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 34 minutos e 58 segundos.

**Páginas Digitadas:** 16 páginas.

### **Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção na modalidade; Futsal no ensino fundamental, Competições no ensino médio; Jogos Escolares do Rio Grande do Sul; Futsal Universitário; Escolinhas de futsal; Escolinhas de futebol; Apoio da família; Motivação; Formação; Clubes e as competições; Inserção no futsal universitário com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Experiência no futsal universitário; O significado da prática esportiva dentro do futsal e do futebol.

Porto Alegre, 04 de julho de 2015. Entrevista com Letícia Oscar Ribas a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M – Eu gostaria de começar perguntando, como você começou a jogar futebol ou futsal, quais são as lembranças sobre a primeira vez que bateu uma bola?

L.R – A primeira vez eu não vou lembrar, mas eu comecei mais por eu ter dois irmãos que sempre jogaram, são mais velhos que eu, e aí acabei começando a jogar por causa deles. Jogava muito no prédio em que eu moro, lá tinha uma quadra, jogava com os meus vizinhos, mas eu sempre era a única menina.

C.M – E como você se sentia sendo a única menina jogando em meio de meninos?

L.R – Ah! Às vezes, por exemplo, se via algum amigo dos meus vizinhos, na hora de fazer os times, eles não queriam ficar no time que tinha guria, mas depois que eu começava a jogar eles já começavam a respeitar mais, viam que não era qualquer guria que jogava bola, que eu já tinha uma base e tal, e jogava parelho com eles ou até às vezes mais que eles.

C.M – Alguém da família incentivou a você para jogar?

L.R – Ah, os meus dois irmãos sempre foram os que mais me influenciaram. Meu irmão mais velho jogou um tempo, mas acabou se machucando; mas era mais na brincadeira. E o outro levou um pouco mais a sério, jogou nas escolinhas do Grêmio<sup>1</sup>, depois acabou jogando na UFRGS<sup>2</sup> também, jogou lá fora do Brasil, e ele acabou sendo minha influência maior.

C.M – E talvez alguém da família não gostava que você jogasse?

---

<sup>1</sup> Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

L.R – Ah! Nunca me falaram nada, se isso aconteceu talvez tinha sido no início por aquela história de mulher jogar futebol... não é parte da mulher, toda essa história que tem; mas sempre me apoiaram, sempre me levaram aos jogos. Se era isso que eu queria jogar, foi desde pequena, então, não tinham muito que fazer, quando eu cresci já estava há muito tempo nisso.

C.M – Até que idade você jogou nesse espaço, no prédio?

L.R – Se der tempo jogo até hoje, mas agora, depois de que eu entrei na faculdade ficou mais difícil. Mas quando eu era mais nova estava sempre lá jogando, não importava se estava chovendo, se era de noite, sempre jogando.

C.M – Nessa época, você praticava outros esportes além do futebol?

L.R – Não, não, só futebol. Ah, na escola sim, mas na Educação Física, mas como hobby, só futebol ou futsal.

C.M – A que se dedicava você na maior parte do tempo de lazer?

L.R – Antigamente?

C.M – Sim.

L.R – Jogar bola né, [RISO]. Sempre batia na casa dos vizinhos, a gente descia e jogava bola, dependendo se era verão ia para piscina. Mas a maioria era futebol, piscina, entre futebol... Sempre futebol.

C.M – Naquela época alguma vez você pensou em fazer do futebol ou do futsal sua profissão?

L.R – Bah, sim, acho que todo mundo acaba sonhando um pouco, mas é complicado pelo menos aqui no Brasil, para tu ter um futuro com isso. É só ver a Marta<sup>3</sup>, joga muito e mesmo assim não muda nada aqui no Brasil, nunca tem um reconhecimento diferente. Eu acho que nunca vai conseguir se igualar ao masculino, infelizmente, muito preconceito ainda. Talvez lá fora ainda tenha um pouco mais de oportunidade, mas aqui eu acho difícil.

C.M – Até quando você teve esse sonho de ser futebolista profissional?

L.R – [pausa para pensar] Acho que lá por uns treze por aí, acho que eu fui dando conta que não tinha... Muito difícil, e mesmo quem consegue, não é uma coisa que tu consegue se sustentar. Tu pode até, por exemplo, jogar numa universidade que te dá uma bolsa, fazer que te paguem numa universidade, mas eu acho que para tu ter um ganho de se sustentar, não tem como.

C.M – Você estudou numa escola pública ou particular?

L.R – Pública

C.M – E nessa escola você também jogava futebol?

L.R – Sim. Joguei muito na Educação Física e a gente tinha um time que representava em campeonatos escolares. No início, quando eu comecei a jogar lá, eu jogava com as meninas mais velhas, aí o time era um pouco mais valorizado; tinha gurias muito boas, até umas já passaram pela UFRGS, e era um time muito bom. Mas conforme elas foram saindo, eu fui ficando mais velha, aí as meninas novas que entraram não eram tão boas, acabavam não, se entregando mesmo, não se esforçavam, faltavam ao treino. Uma coisa que era ruim era que, tipo os horários do treino não batiam, eram muito difíceis, porque tinha alunas de várias idades, várias séries diferentes. Então, acabava que o único horário que a gente tinha era o horário do almoço, então a maioria das vezes, eu comia um sanduíche, alguma coisa e ia a treinar; tipo abrir a mão do meu almoço para ir treinar pelo colégio. E era o que as gurias faziam, isso é o que era complicado, não tinham um horário muito que batia, então, a gente acabava tendo que abrir a mão do almoço para poder jogar, para poder treinar.

---

<sup>3</sup> Marta Vieira da Silva.

C.M – Qual era o nome do colégio?

L.R – Colégio Aplicação, é da UFRGS também.

C.M – Então você dentro dessa escola jogava num time. E nas aulas de Educação Física tinha outro momento em que também jogava?

L.R – Ah, nos recreios às vezes, mas também era aquilo né, é difícil tu chegar porque é só guri que estava jogando, e aí tem sempre aquela história tipo: “Ah, não, tu é guria, tu não vai jogar, não sei o que”, então, quando eu era mais nova, eu tentava e era mais tranquilo; eu acho que quando são mais crianças não tem tanto isso, mas conforme foi passando, eu também fui meio que abrindo mão, e aí parei de jogar no recreio, era mais pelo time mesmo e na Educação Física quando tinha.

C.M – Como eram as aulas de Educação Física?

L.R – Ah, bem no início eu não me lembro, mas eu lembro que nas... Acho que lá pela sétima, oitava, o ano é dividido em três partes, três trimestres. Aí cada trimestre, era feita uma votação de quais esportes teria, normalmente tinha duas opções para cada sexo. E aí a gente escolhia, ah, futebol, basquete, vôlei; tinha de tudo, tinha atletismo, que aí fazia arremesso de peso, salto em distância, salto em altura. Então, a gente fazia essa... Os professores faziam uma reuniãozinha com os alunos e escolhiam quais eram os esportes que ia ter no trimestre, e aí tu escolhia; tinha dança também. Aí tu escolhia, fazia, e no próximo trimestre tinha uma votação de novo e depois de novo.

C.M – Os alunos escolhiam?

L.R – Sim.

C.M – E era dividido por sexos?

L.R – Que eu me lembre era. Eu não consigo recordar direito, mas eu acho que era.

C.M – E as meninas escolhiam futebol também?

L.R – Algumas, algumas. Mas era legal que lá no meu colégio tinha uma OCA, que é Olimpíadas do Colégio de Aplicação, todo o ano, e isso acabava estimulando muito a prática dos esportes. Que era como se fosse Interbarras<sup>4</sup> daqui da UFRGS, não sei se conhece. Era uma olímpiada entre as turmas, as primeiras séries era da primeira até a quarta série, depois da quinta à sexta, sétima e oitava e depois o ensino médio. Aí faziam os campeonatos, e aí tinham todos os esportes, tinham: basquete, futebol de campo, salto em altura, corrida, de tudo assim, aí eles estimulavam bastante o esporte lá.

C.M – Estimulavam todos os esportes por igual?

L.R – Sim, sim.

C.M – Para meninas e para meninos?

L.R – Sim, sim. Não, agora eu me lembrei. No início, a gente era obrigada a fazer, não tinha isso da escolha. Por exemplo, ah! este trimestre vai ser atletismo, e a gente fazia todas as práticas: arremesso de peso, todo mundo tinha que fazer tudo. E eu acho que foi mais pelo ensino médio, sétima, oitava série que tinha isso de escolher, eu acho.

C.M – Nessa época na escola, qual era o principal motivo pelo qual você jogava?

L.R – Ah, por diversão eu acho. Na parte do treino mais para a gente conseguir jogar os campeonatos, sair bem, para conseguir ganhar. Mas na Educação Física, acho que era, por diversão.

C.M – Como foram as experiências dentro desses campeonatos escolares?

L.R – Quando eu tive a oportunidade de jogar mesmo, que foi quando as mais velhas saíram, foi um pouco ruim. As gurias eram ruins, não se esforçavam muito nos treinos,

---

<sup>4</sup> É o nome dado a competição de alguns esportes e jogos que fazem entre as barras da Escola de Educação Física ESEF/UFRGS.



mas a gente acabou jogando Jogos Escolares do Rio Grande do Sul, que vão todas as escolas públicas, e a gente conseguiu ficar em terceiro em uns dos campeonatos, mas era bem difícil, porque nos campeonatos de escolas particulares, a maioria das escolas particulares, eles dão bolsa para quem é atleta, então, eles veêm tu jogar e te chamam para o colégio, não é, ah! tu joga bem, tu já estuda no colégio, e sim tu joga bem, vou te dar uma bolsa, é o contrário, eles iam para o colégio para jogar, então esses times eram muito superiores aos outros. E lá no meu colégio, sempre é por sorteio, que é uma escola federal da UFRGS. Todo mundo quer entrar. Então, não era qualquer um que entrava, tinha que ser sorteado, não tinha como fazer isso, chamar: “Tu joga bem, vem para minha escola”. E os particulares, ficava muito desparelho quando jogavam contra nós.

C.M – Você fez o ensino médio nessa instituição?

L.R – Sim.

C.M – E no ensino médio como foi essa experiência com o futebol e com o futsal?

L.R – Eu treinava. Foi essa na realidade. Quando eu treinava mais nova, o time tinha muitas gurias boas e eu era bem mais nova, eu não jogava tanto. E quando fui mais velha no ensino médio, eu era meio quem comandava, quem puxava a orelha das gurias para ir treinar e tal.

C.M – Quem fazia os treinos?

L.R – Tinha uma professora, e às vezes, como é um colégio vinculado à UFRGS, muitas vezes tinham estagiários que estudavam na ESEF<sup>5</sup>, mas era sempre um professor que comandava.

C.M – E como eram os treinos?

---

<sup>5</sup> Escola Superior de Educação Física.

L.R – Ah, era mais jogo, não tinha muito de jogadas, dessas coisas de padrões, era mais jogo, alguns trabalhos de passes, coisas mais básicas, porque as gurias não eram tão boas, era meio... diversão para elas, eu acho.

C.M – O que significou para você fazer parte do time do colégio?

L.R – Acho que foi bom, acabou um pouco desenvolvendo a minha liderança, talvez por eu ter que... Eu acho que eu era quem mais levava a sério. Então, eu tinha que falar, estimular as gurias a ir treinar, acho que foi isso, mais pela liderança talvez, porque as gurias não eram muito boas, e isso contra os colégios particulares acabava sendo difícil, a gente conseguia um bom lugar nos campeonatos, quando a gente disputava era mais para participar, para ter experiência. Experiência eu consegui muito, de jogar.

C.M – Além de jogar no time da escola você jogava em outros times?

L.R – Sim, comecei, eu acho que com... deixa eu pensar. Acho que lá por 2003, 2004 entrei numa escolinha de futsal lá perto da minha casa, mas era só eu e mais uma menina; o time era todo de meninos. Tinha um campo também no fundo que a gente jogava no fim, e aí era futsal e depois a gente jogava no campo, mas era um campo meio areia, mais para se divertir, não para jogar campeonato. Mas era meio complicado porque era uma turma de meninos. Lá foi que eu comecei a jogar mais, pegar experiência de jogo, tipo saber as movimentações. Depois, acho que em 2006, eu fui para a Duda, escolinha da Duda<sup>6</sup> e lá os treinos eram em grama sintética.

C.M – Futebol?

L.R – Futebol, futebol. Mas era futebol sete, que chamam, que era em grama sintética. Mas os campeonatos a maioria eram em campo de grama normal, jogando onze mesmo. Mas como não tinha um lugar bom para treinar, os campos aqui em Porto Alegre são bem ruins, muita areia, então a gente treinava na grama sintética e disputava os campeonatos no campo. Lá eu fiquei uns três anos, até o 2008 eu acho, é. E eu acabei indo para o Genoma

---

<sup>6</sup> Eduarda Luizelli Marranguelo. “Duda” é uma ex-jogadora de futebol do Sport Clube Internacional.

Colorado, que era uma escolinha do Inter<sup>7</sup>, e lá eu treinava no Parque do Parcão<sup>8</sup>, que aí já treinava no campo e disputava no campo também.

C.M – Qual era o nome da primeira escolinha que era só com meninos?

L.R – Destak

C.M – E como foi essa experiência de estar em meio de meninos, como era a relação com os outros colegas, com os treinadores?

L.R – Ah, eu acho que no início é sempre meio que um bloqueio para os guris, jogarem com meninas e tal. Mas, quem é guria e joga também está acostumada; como eu jogar no prédio, como eu jogar no colégio. No início é um pouco complicado, mas depois eles têm que aceitar; porque querendo ou não era o mesmo nível, então era como se fosse um guri jogando ali com eles.

C.M – Você porque ingressou nessa escolinha?

L.R – Ah, eu estava procurando e foi lá que eu encontrei mais perto da minha casa, foi mais por ser mais perto, eu acho. Eu procurei escolinha feminina e não achei. Depois encontrei essa da escolinha da Duda, só que aí não era salão, era grama sintética, mas acabei indo para lá depois.

C.M – A escolinha da Duda era feminina, era só meninas?

L.R – Sim, sim feminina.

C.M – E como foi essa experiência nessa escolinha?

L.R – Ah foi bom, é diferente, diferente do colégio, por exemplo, que elas treinavam mais, por não ter nada para fazer. Lá, quem estava, era porque gostava mesmo de jogar, porque

---

<sup>7</sup> Sport Club Internacional.

<sup>8</sup> O Parque Moinhos de Vento.

tinha um custo, tu estava investindo ali, então não era qualquer pessoa que ia para lá jogar, era quem gostava mesmo de jogar, era diferente, era mais levado a sério. Tinha treinamento explicando a tática, a técnica, tinha parte do jogo claro, mas era bem mais para tu aprender a jogar, aprender a te movimentar, aprender a fazer passe, chute, drible.

C.M – Vocês participaram em campeonatos com essa escolinha?

L.R – Sim, sim

C.M – Como foi essa experiência?

L.R – Ah, foi boa, eu era mais acostumada a jogar salão, e o campo é bem diferente, e até tu treinar no fute<sup>9</sup> já é diferente do campo, porque primeiro é que os campos aqui são só areia, então, é bem mais difícil, tu cansa muito mais, para tu correr é muito mais pesado, a bola não corre tanto também, mas, foi bom.

C.M – Ganharam algum campeonato?

L.R – Que eu me lembre, a gente disputou os Jogos Abertos de Porto Alegre<sup>10</sup>, ficamos com medalha de bronze e o Campeonato Municipal também, feminino, de futebol feminino, também ficamos com bronze. Que eu lembre é isso, mas a gente disputava bastante. Como essa escolinha é muito grande tinham várias sedes, também tinham esses campeonatos entre as sedes, ente turmas, mas tinha bastante jogo.

C.M – E você porque deixou de treinar nessa escolinha?

L.R – Muita panela<sup>11</sup>, e minhas amigas acabaram indo para o Genoma Colorado e eu fui junto, porque eu já não... Querendo ou não entrar no meio, tem essa panela, tem isso de botar os amigos para jogar e deixar os outros. Então acabei indo para o Genoma Colorado.

C.M – E lá no Genoma Colorado, como foi essa experiência?

---

<sup>9</sup> Futebol sete.

<sup>10</sup> Jogos realizados em Porto Alegre organizados pela Secretaria Municipal de Esportes para crianças e adolescentes dos 12 aos 17 anos.

<sup>11</sup> Expressão usada para se referir a um grupo fechado de pessoas em determinado lugar.

L.R – Ah, foi bem boa, porque a maioria era o pessoal com quem eu me dava, jogava só com as minhas amigas, e eu tive mais oportunidade do que eu estava tendo na Duda, então acho que foi bom. Mas também não durou muito tempo. Vão abrindo outras escolinhas e o pessoal vai meio que se dividindo.

C.M – O que foi o mais significativo de ter estado nessas escolinhas?

L.R – Eu acho que a gente faz muitas amizades, o que eu mais levei foi isso. As amizades que eu fiz com o futebol e o meu aprendizado; a trabalhar em equipe, a desenvolver liderança, a aprender a jogar bem, saber fazer movimentações, saber fazer a técnica de jogo.

C.M – Depois, você como conheceu o time da UFRGS?

L.R – Eu passei por mais duas escolinhas.

C.M – Quais escolinhas?

L.R – Depois do Genoma eu fui para o Cruzeiro de Porto Alegre e essa foi bem diferente porque a gente não tinha que pagar, o treinador fez uma parceria com o Cruzeiro<sup>12</sup> e investiu muito na gente; nos deu uniforme, nos dava garrafinha, tinha uniforme de jogo, a gente não tinha gasto nenhum. Mas, talvez por não ter esse gasto que tu acaba te comprometendo, “lá estou pagando eu tenho que ir lá”, as gurias às vezes não iam treinar, e iam só quando estava mais perto de ter campeonatos, então isso acabou desestimulando a ele, o treinador. E também aconteceu um episódio de que roubaram o carro dele e levaram vários uniformes dele, ele perdeu muito dinheiro e isso foi meio que, a gota da água, e aí meio que acabou o time. Depois eu acabei indo para a escolinha do Grêmio, que aí tinha que pagar também, a única que eu não paguei foi no Cruzeiro. E lá no Grêmio eu fiquei dois anos mais ou menos, um ano e meio. Foi bem bom, porque também tinha muitas amigas minhas e também era treinamento no futebol sete para jogar campeonatos de campo. Também tinha um campeonato de futebol sete, mas a maioria era campo. Era um

pouco parecido com a Duda, assim a dinâmica; os treinos e dos jogos; jogamos contra a Duda, acho que é isso.

C.M – Ganham com o Grêmio?

L.R – Ganhamos o Campeonato Municipal em 2011.

C.M – Aqui em Porto Alegre tem futebol profissional feminino?

L.R – Não, escolinha.

C.M – E de futsal?

L.R – Ah, futsal, profissional eu não sei, mas tem muito campeonato amador. Que muitas gurias que formam time e acabam entrando em campeonatos. Mas eu acho que não tem, não sei a realidade, se tem assim com treino, mas tirando as universidades claro. Mas, que tenha uma escolinha que seja, de graça que te leve a sério, que faça treinos, quem sabe.

C.M – Então você jogou a maioria do tempo futebol de campo?

L.R – Sim

C.M – E futsal, quando começou a jogar?

L.R – A Destaque era futsal, a primeira escolinha. Aí joguei no colégio a vida inteira, joguei futsal, no prédio também, depois entrei para a UFRGS.

C.M – Você acha alguma diferença entre jogar futebol e futsal?

L.R – Ah, muito.

C.M – Qual?

---

<sup>12</sup> O Cruzeiro Esporte Clube é um clube de futebol brasileiro de Belo Horizonte.

L.R – Ah, é muito diferente, as movimentações, o jeito até de dominar a bola é muito diferente. Tu tem que ter mais força no campo para dar um passe, porque os passes são mais longos, para correr é mais difícil. Bah! a goleira é muito maior, tem muitas diferenças.

C.M – Seus pais apoiaram a você quando estava nessas escolinhas?

L.R – Sim.

C.M – De que jeito?

L.R – Ah, me levavam, às vezes esporadicamente assistiam aos treinos, jogos, mas não eram de ir a todos os jogos e a todos os treinos, mas eles iam, mas não eram muitas vezes. Mas sempre que tinham que me levar, levavam; pagavam [RISO] que é uma grande coisa.

C.M – Você como conheceu o time da UFRGS?

L.R – Teve um campeonato que eu participei e eu acho que foi pela escolinha da Duda, que já tinha um time da UFRGS lá, eu não consigo me lembrar bem. Mas eu sempre tive o sonho de passar na UFRGS, meus dois irmãos passaram e tal. E eu sabia que tinha um time lá, então, acabei entrando, por saber que tinha. Não lembro como eu conheci, mas como tinha, eu entrei, quis entrar, no caso.

C.M – E para você ingressar teve que fazer alguma...

L.R – Ah, tem a peneira todo início do ano. Mas eu não consegui ir, mas eu conversei com o treinador, falei que eu tinha interesse, ele disse para eu vir a um treino, eu vim, ele viu como eu jogava e aí eu ingressei no time.

C.M – Qual era o nome do treinador?

L.R – “Frejat”<sup>13</sup> era o apelido, [Pausa para pensar]... Não consigo me lembrar [Pausa para pensar], Rafael.

C.M – Você entrou no time no ano...

L.R – De 2011, quando eu ingressei no curso.

C.M – O que motivou a você para fazer parte da seleção de futsal da UFRGS?

L.R – Ah, porque futsal é meu hobby, o futebol, enfim. Eu gosto muito de jogar, então, achei que eu ia gostar de estar no time de uma universidade. É diferente do que eu estava acostumada, e como eu sempre gostei de jogar tive que entrar no time.

C.M – Como tem sido essa experiência dentro do time?

L.R – [Pausa para pensar] É um pouco complicado em relação à oportunidade. A gente tem dois campeonatos principais, um por semestre. Então, talvez se tivesse mais campeonatos onde a gente possa mostrar o que a gente sabe, talvez tivesse mais oportunidade, mas como só tem dois acabam utilizando sempre as mesmas.

C.M – E então essa experiência para você...

L.R – Não, mas eu adoro jogar aqui, adoro jogar no time da UFRGS porque eu fiz grandes amizades e porque eu gosto de jogar bola mesmo assim, já pensei em parar várias vezes, mas é mais forte que eu.

C.M – O que significa para você fazer parte desse time?

L.R – Ah, eu estou há cinco anos e acaba sendo uma família, porque a gente convive muito, está sempre treinando junto, sempre quando tem algum churrasco, alguma coisa, sempre fazendo tudo junto e eu acho que por isso eu não abro mão.

---

<sup>13</sup> Rafael Nascimento Pereira.



C.M – Qual é a sua motivação para continuar sendo parte do time?

L.R – Acho que mais isso, acho que mais a amizade, o treinar junto, o companheirismo, de tu ter alguém do lado que tu confia, acho que é isso.

C.M – Você acha que a universidade apoia o time da UFRGS?

L.R – Acho que mais ou menos, tem certos momentos, que assim tipo, quando a gente precisa por exemplo de alimentação, eles conseguem, mas é sempre uma burocracia. Talvez por ser uma universidade federal, tem que comprovar tudo. Mas por exemplo, ah a gente podia ter mais uniforme, mais cones, mais alguns materiais que talvez uma escolinha não tenha mais que a gente. Tipo quando a gente precisa de um transporte, acho que às vezes a universidade fica devendo um pouco. Mas quando é preciso, apoia. Teve o campeonato agora, os JUGS<sup>14</sup>, que eles pagaram uma diária do hotel, pagaram alimentação, mas também foi uma diária, a outra a gente teve que pagar; acho que vai meio a meio, eu acho que poderia mais, mas eles ajudam.

C.M – Para você como mulher, o que significa praticar futsal ou futebol os quais são esportes socialmente considerados masculinos?

L.R – Ah, eu acho que é mais para mostrar que mulher também pode. Não existe isso de um esporte ser masculino, outro feminino, acho que vai muito além. Mostrar que não é porque a gente é mulher que não pode jogar, que não pode lutar, que não pode.

C.M – Como pode descrever a sua experiência como mulher que joga futebol ou futsal?

L.R – Ah, sempre no início é complicado, tu entrar num meio que é só meninos jogando, eles sempre, meio que não querem que tu entre, que: “Ah, tu não sabe jogar, tu é menina”, mas eu acho que isso tem que ser vencido com o tempo, até mostrar para eles que a gente é capaz também.

---

<sup>14</sup> Jogos Universitários Gaúchos.

C.M – Você se desempenhou com o futsal ou com o futebol em outras facetas, além de ser jogadora? Professora, treinadora?

L.R – Não, não.

C.M – Só jogadora?

L.R – Sim.

C.M – Qual é a melhor coisa que o futsal ou o futebol trouxe para sua vida?

L.R – Eu acho que, aquilo que eu trouxe antes, de tu desenvolver mais liderança, de tu saber trabalhar em equipe, saber conviver com pessoas, acho que traz muito, o esporte traz muito isso. Essa convivência, que tu tem que saber respeitar a outro, acho que é isso.

C.M – E você acha que tem algum aspecto negativo dentro da sua experiência?

L.R – [Pausa para pensar], que eu me recorde, acho que não. Ah! [RISO], é complicado isso das panelas que têm nos times, desestimula um pouco à gente, mas para a minha vida, acho que é muito grande isso.

C.M – O que significou o futsal ou o futebol para você antes e que significa agora?

L.R –Difícil. Eu acho que no início, eu queria ser jogadora de futebol, mas não tinha como, e agora é mais por um hobby; mas é um hobby um pouco mais sério, porque eu acho que ninguém joga só por jogar, tu joga porque quer ganhar alguma coisa, quer conquistar seu espaço, é um hobby, mas é um hobby sério. Não sei como classificar ele [RISO].

C.M – “Lee”, mais alguma coisa que você queira me contar relacionada com a sua experiência pessoal com o futsal ou com o futebol?

L.R – Que eu me lembre, não. [RISO].

C.M – Então agradeço, muito obrigada contar a sua história de vida.

L.R – De nada.

[FIM DA ENTREVISTA]